

## Contribuições de Frederico de Chiara para a educação musical brasileira]

GTE História da Educação Musical

### Comunicação

*Yuria Santamaria Pismel*  
Universidade Federal do Paraná  
*y.santamaria.pismel@gmail.com*

*Rosane Cardoso de Araújo*  
Universidade Federal do Paraná  
*rosanecardoso@ufpr.br*

**Resumo:** O tema do presente trabalho é a trajetória histórico-pedagógica de Frederico de Chiara (1900-1995), organista, pianista, professor e maestro paulista. Ele lecionou no Conservatório Dramático Musical e na Escola Caetano de Campos, ambos em São Paulo, e elaborou materiais didáticos voltados para o canto orfeônico e para o ensino de piano. Trata-se de um recorte do trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Música, com o objetivo de descrever a trajetória profissional de Frederico de Chiara como forma de resgate da sua contribuição histórico-pedagógica para a educação musical brasileira. A pesquisa justificou-se por destacar Frederico de Chiara no contexto histórico-musical brasileiro, não obstante informações já obtidas acerca de sua notável atuação como professor, regente e compositor. A metodologia utilizada foi uma pesquisa documental, bem como três entrevistas realizadas com a filha de Frederico e dois de seus netos. Os principais resultados alcançados apontaram para a relevância de Frederico de Chiara como um educador comprometido com a educação musical brasileira.

**Palavras-chave:** Frederico de Chiara; Canto orfeônico; História da Educação Musical.

### Introdução

Este trabalho tem como tema o resgate das contribuições histórico-pedagógicas de Frederico de Chiara (1900-1995), organista, pianista, professor e maestro paulista, para a educação musical brasileira. Atuou em instituições de renome, como o Conservatório Dramático Musical de São Paulo, a Escola Caetano de Campos e o Conservatório Paulista de Canto Orfeônico, todos localizados na cidade de São Paulo. Além disso, esteve envolvido na elaboração de materiais didáticos voltados para o canto orfeônico e na composição de obras para piano de caráter didático. Frederico viveu em um contexto de crescimento e divulgação do canto orfeônico como prática institucionalizada nas escolas, o que movimentou uma rede

de intelectuais e musicistas que se voltaram à educação musical. Segundo Arnaldo D. Contier, “[...] foram realizados diversos concertos em escolas primárias. E, por outro lado, com a ampliação do movimento em prol do canto orfeônico, foram editadas muitas peças de autores brasileiros [...]” (Contier, 1998, p. 35). Nesse cenário foi que Frederico de Chiara teve suas peças editadas e publicadas.

O problema da pesquisa centrou-se no reconhecimento da dimensão da contribuição de Frederico de Chiara à educação musical brasileira, uma vez que viveu em um contexto histórico significativo para o desenvolvimento musical, especialmente do canto orfeônico. O círculo social que Frederico de Chiara frequentava em São Paulo era composto por nomes importantes para a educação musical do período, como Villa-Lobos, a família Cardim, Carolina Ribeiro, João Batista Julião, Samuel Arcanjo e Fábio Lozano, tendo suas obras didático/musicais publicadas entre as décadas de 1940 e 1960, com foco no canto orfeônico e no ensino do piano. Neste sentido, o objetivo geral deste artigo é trazer à tona alguns aspectos da trajetória profissional de Frederico de Chiara como forma de resgate de sua contribuição histórico-pedagógica para a educação musical.

## Contexto histórico do canto orfeônico no Brasil

Tendo em vista que Frederico de Chiara exerceu sua atuação profissional especialmente entre as décadas de 1930 e 1960, consideramos importante destacar o contexto histórico da educação brasileira, especialmente na cidade de São Paulo, onde ele atuou. Nesse período, o canto orfeônico era uma prática pedagógica crucial. Sobre o assunto, Gabriel Ferraz comentou:

O canto orfeônico existe no Brasil desde 1912 e foi implementado principalmente em escolas do Estado de São Paulo pelo compositor e educador João Gomes Júnior (c.a.1871-1963). Em 18 de abril de 1931, por meio do Decreto n. 19.890, o então presidente Getúlio Vargas tornou o canto orfeônico obrigatório nas escolas primárias, secundárias e de formação profissional no Rio de Janeiro, que era, à época, Capital Federal (Ferraz, 2016, p.29).

O estado de São Paulo representou um centro de implementação e difusão do canto orfeônico justamente nas décadas em que Frederico de Chiara teve atuação

profissional intensificada. Para compreender um pouco esse cenário, retrocedemos alguns anos na história da educação musical no Brasil. Na segunda metade do século XIX, tendo o Rio de Janeiro e São Paulo como as cidades brasileiras mais importantes do período, surgiram instituições que buscavam “absorver os elementos de modernização educacional em circulação em diversos países da Europa e dos Estados Unidos” (Souza, 2023, p.437). O período de 1840 a 1910 foi de marcos relevantes para o ensino de música no Brasil, uma vez que surgiram, no Rio de Janeiro, o Conservatório de Música do Rio de Janeiro (fundado em 1841, com início das aulas em 1848), e em São Paulo, o Instituto de Educação Caetano de Campos (1846) e o Conservatório Dramático e Musical (1904). Ao descrever o processo de criação do Conservatório Dramático e Musical, Ailton Morila (2010) afirmou que os envolvidos com a sua fundação “foram sujeitos das transformações sofridas por São Paulo e pelo Brasil nas últimas décadas do século XIX e na primeira metade do século XX. Transformações não só no aspecto visível, [...], mas também nos aspectos culturais e sociais” (MORILA, 2010, p. 90). O autor também mencionou que “Em 1906 estava delineado um caminho para a música e seu papel na cultura paulista” (Idem, p.95). Segundo Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (2005), tais instituições tinham:

(...) em seu corpo docente muitos professores de formação humanística europeia, perfeitamente alinhados com o que lá se produzia e pensava; [...] ao que parece, ainda dessa vez, os procedimentos praticamente não variavam: exercícios técnicos progressivos, repetição, memorização e formação de repertório. (Fonterrada, 2005, p.211).

Apesar disso, a autora menciona uma particularidade do Instituto de Educação Caetano de Campos. Diferentemente das outras instituições mencionadas, que se tratavam de escolas especializadas, o Instituto, denominado na época como Escola Normal da Capital, era uma instituição de ensino em que “as aulas de música tinham um teor bem diferente do que ocorria nas escolas especializadas, pois não era seu objetivo formar instrumentistas, mas permitir o acesso da população escolar à prática musical” (Fonterrada, 2005, p.211). Para compreender historicamente o projeto educacional da Escola Caetano de Campos, mencionamos que, segundo Eduardo de Souza (2023), tratava-se da criação da “instituição laica, gratuita, mediadora das aspirações, do otimismo e do entusiasmo pedagógico” (Souza, 2023, p. 436). Segundo Ana Regina Pinheiro (2008), a Escola Caetano de Campos

“transformou-se em instituição modelar e coração dos projetos do Brasil Republicano” (Pinheiro, 2008, p. 43). Corroborando com essa visão, citamos novamente Eduardo de Souza (2023), que afirmou que tal escola “foi considerada um marco importante na instituição de projetos de escolarização da infância” (Souza, 2023, p.433), tornando-se símbolo de “inovações didático-pedagógicas e auxiliou em uma missão: formar o cidadão republicano” (Idem). Sendo uma escola modelo para as outras instituições de ensino brasileiras, o método utilizado na Caetano de Campos estava ligado ao cientificismo dos estudos sobre o desenvolvimento cerebral atrelado ao desenvolvimento musical. No entanto, de forma prática, eram utilizados diversos exercícios de solfejo de caráter sequencial e repetitivo, a fim de aperfeiçoar as técnicas de canto.

No início do século XX, mais precisamente em 1912, foi implementado nas escolas da cidade de São Paulo a pedagogia do canto orfeônico, tendo como principais responsáveis João Gomes Júnior e Carlos Alberto Gomes Cardim. Sendo pioneiros em trazer esse modelo educacional para o ensino da música no Brasil, acompanhavam-nos nessa empreitada Fabiano Lozano, Lázaro Lozano, Honorato Faustino e João Baptista Julião. A partir dos anos 1930, o canto orfeônico tornou-se uma ferramenta do projeto de governo de Getúlio Vargas, encabeçado por Villa-Lobos. Por isso, Villa-Lobos centrou-se no objetivo de expandir a experiência musical ao maior número de estudantes possíveis, alcançando dimensões gigantescas, ao unir-se ao projeto nacionalista do governo de Getúlio Vargas, estendendo-se por cerca de três décadas. Nesse contexto, pesquisadores e educadores musicais escreveram diversos materiais envolvendo essa temática, como é o caso de “João Batista Julião (*Cantigas de Minha Terra*); Samuel Arcanjo (*Cirandinhas Brasileiras*); Ceição de Barros Barreto (*Cantigas Quando Eu Era Pequeninha*); Rossini Tavares de Lima (*Aí! Eu Entrei na Roda*); Heitor Villa-Lobos (*Guia Prático, vol 1*)” (Contier, 1998, p. 47). Podemos incluir Frederico de Chiara nesse contexto.

## Metodologia

A pesquisa foi executada por meio de dois procedimentos: uma pesquisa documental e uma pesquisa de caráter qualitativo, desenvolvida por meio de três entrevistas: uma entrevista em profundidade e duas entrevistas focalizadas.

Segundo Antônio Carlos Gil, a pesquisa documental é um procedimento de coleta de dados inscritos em fontes de papel cujos materiais “não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Gil, 2008, p. 51). Após a exploração das fontes documentais, identificamos que tais documentos eram de primeira mão, ou seja, material documental que ainda não foi tratado analiticamente: partituras, livros, composições, uma gravação em fita cassete, pinturas em tela, uma matéria de jornal impressa e outras matérias encontradas em sites da internet nos quais Frederico de Chiara foi citado. A maior parte da documentação foi disponibilizada pelos três entrevistados, com exceção de algumas partituras e matérias de jornal que foram adquiridas através da compra online em endereços eletrônicos de sebos e de acervos virtuais, respectivamente.

Acerca da pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas entre julho de 2023 e abril de 2024, gravadas em áudio e depois transcritas. Realizamos inicialmente uma entrevista em profundidade (Duarte, 2008) com a filha de Frederico de Chiara, Rosa Thereza de Chiara. Trata-se de uma técnica dinâmica e flexível que permite adquirir informações dando à entrevistada mais liberdade no desenvolvimento de suas respostas acerca das memórias envolvendo seu pai. Segundo Jorge Duarte, “a entrevista em profundidade é extremamente útil para estudos do tipo exploratório, que tratam de conceitos, percepções ou visões para ampliar conceitos sobre a situação analisada” (Duarte, 2008, p. 2). Utilizamos questões guia semi-estruturadas e a entrevista foi semi-aberta, ou seja, partiu-se de um roteiro base, porém, as respostas buscadas não eram objetivas ou quantitativas. A escolha da filha de Frederico de Chiara para a entrevista em profundidade ocorreu por considerá-la uma informante-chave, uma vez que teve acesso à vida pessoal e profissional do compositor e professor, bem como por ter conservado a memória dele através de fotos, documentos e obras impressas.

Na sequência, foram realizadas entrevistas focalizadas com um neto e uma neta de

Frederico de Chiara: Manoel Mário de Araújo Pismel Filho e Odila Maria Chiara. Segundo Antônio Carlos Gil, a entrevista focalizada trata-se de um tipo de entrevista que “enfoca um tema bem específico” (Gil, 2008, p. 112), tendo como objetivo “explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas” (Idem). A escolha da entrevista focalizada deu-se por considerar que tínhamos como objetivo trazer alguns complementos para as informações fornecidas por Rosa e pela documentação. Os netos foram escolhidos, pois tiveram um grau considerável de convivência com Frederico, fazendo aulas de piano e morando com ele por um período.

## Apresentação dos resultados

Após levantamento da documentação e realização das entrevistas, partimos para uma análise de dados, a fim de realizar o cruzamento de informações histórico- bibliográficas, averiguadas na primeira etapa, com os dados coletados na entrevista e nas obras escritas por Frederico de Chiara. Mostraremos a seguir alguns resultados obtidos desse cruzamento de informações, trazendo breves dados biográficos e principalmente as contribuições de Frederico de Chiara para a educação musical brasileira.

## Percurso pedagógico e trajetória profissional

Frederico de Chiara nasceu em 31 de maio de 1900, em São Paulo. Seus pais, Roque de Chiara e Rosina Bove, eram descendentes de italianos. Ele passou quase toda sua vida na capital paulista, residindo por diversos anos na Rua Petrópolis, no bairro Sumaré. Em 22 de dezembro de 1927, casou-se com Thomazina Mazzarella de Chiara, professora no Grupo Escolar Portugal, com quem teve dois filhos: Frederico de Chiara Junior e Rosa Thereza de Chiara.

**Figura 1:** Frederico de Chiara nas escadarias da Escola Caetano de Campos



Fonte: Fotografia divulgada no jornal “Diário Popular”, de São Paulo, veiculado no dia 15 de outubro de 1964, em comemoração ao dia dos professores. (Diário Popular, 1964, p. 1)

Frederico de Chiara estudou Música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde posteriormente se tornou professor. Ele atuou profissionalmente como organista, pianista e professor em diversas instituições de ensino da capital paulista. De Chiara foi professor de música e de canto orfeônico na Escola Normal Caetano de Campos, no Conservatório Paulista de Canto Orfeônico e no Conservatório Dramático Musical, todos em São Paulo. Ele desenvolveu diversos materiais para ensino de canto orfeônico nas escolas, além de peças destinadas a estudantes de piano. O músico foi também muito atuante na Igreja Nossa Senhora de Fátima, onde era mestre de capela, tocando órgão em diversas cerimônias religiosas e regendo coros.

**Figura 2:** Frederico de Chiara, de terno preto, acompanhado ao piano de sujeito desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal de Manoel Pismel Filho

Frederico de Chiara escreveu uma relação de títulos na qual listou suas principais realizações profissionais. Escrita em São Paulo, possui a data de 23 de setembro de 1945, o que demonstra que nessa fase, aos 45 anos de idade, já vivia um momento de maturidade e consolidação de sua carreira. O documento em si trata-se de uma pasta de papel cuja capa o descreve como “Prof. Cathedratico Livre-Docente do Conservatorio” e “Prof. de musica e canto orfeônico da Escola ‘Caetano de Campos’”. É uma espécie de currículo, do qual destacamos alguns pontos: Frederico De Chiara foi estudante e professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, professor da escola Caetano de Campos, mestre capela e organista, fez diversos cursos de formação em canto orfeônico, obteve aprovação de obras orfeônicas pelo Conselho Nacional de Canto Orfeônico, teve vários de seus trabalhos e obras impressos por editoras da época.

Suas contribuições para o canto orfeônico perpassaram inclusive o cenário regional, uma vez que em 23 de julho de 1945, foi publicada no jornal Diário Oficial de São Paulo (Diário Oficial, 1945, p. 12490), uma nota informando que algumas das peças de Frederico de Chiara entraram para o repertório de obras didáticas a serem trabalhadas no “Curso de formação de professores especializados em canto orfeônico”. As peças foram escolhidas pelo diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, sendo que diversas delas possuem autoria ou arranjos de Frederico de Chiara. Percebemos assim o amplo reconhecimento que

alcançou o seu trabalho em sua época de atuação, sendo colocado lado a lado com Heitor Villa-Lobos, Fábio Lozano, Gazzini de Sá e Oscar Lorenzo Fernández.

**Figura 3:** Frederico de Chiara



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Thereza de Chiara

Pode-se perceber que sua atuação foi vasta no cenário musical e educacional da cidade de São Paulo. Frederico de Chiara aposentou-se em 1970 aos 70 anos de idade. Na sequência, mudou-se para a cidade de Maringá, onde residia sua filha Rosa de Chiara. Ele era um admirador das artes visuais e foi autodidata nessa área, pintando diversas telas. Embora tenha pintado algumas telas antes de se aposentar, foi após os anos 1970 que se dedicou mais a essa arte. Segundo relataram Manoel Pismel Filho e Odila Maria Chiara nas entrevistas, foi nessa época que Frederico propôs-se a pintar um quadro para cada neto. Atualmente suas obras de arte estão espalhadas pelas casas de diversos familiares, muitos dos quais foram contatados e se mobilizaram para enviar fotos para a presente pesquisa.

Após os 70 anos de idade, tendo se aposentado e mudado para Maringá, Frederico de Chiara viveu uma fase mais introspectiva. Faleceu em 5 de maio de 1995, em Maringá, aos 94 anos, e foi sepultado no Cemitério do Araçá, em São Paulo. Deixou um legado no cenário pedagógico musical brasileiro, por ter atuado em instituições de relevância como a Escola Caetano de Campos e o Conservatório Dramático Musical na cidade de São Paulo. Além disso, suas obras musicais publicadas evidenciam a sua contribuição para o desenvolvimento do canto orfeônico e para o estudo de piano. A relação de títulos escrita por ele, inclusive,

confirma o reconhecimento e prestígio que o seu trabalho alcançou. Ressaltamos ainda que o período em que atuou profissionalmente, década de 1930 em diante, coincidiu com os anos em que o governo incentivou a editoração de peças ligadas ao canto orfeônico, o que certamente contribuiu para que várias de suas obras fossem publicadas. Conforme nos lembrou Arnaldo Contier, “com a ampliação do movimento em prol do canto orfeônico, foram editadas muitas peças de autores brasileiros [...]” (Contier, 1998, p. 35). A seguir, descreveremos algumas das obras publicadas de Frederico de Chiara.

### Obras: publicações e partituras

O material apresentado a seguir trata-se de uma tentativa de compilar algumas das principais obras musicais produzidas por Frederico de Chiara. Porém, ainda não foi possível localizar versões físicas ou digitais completas de todas as suas peças das quais tomamos conhecimento da existência, permanecendo somente a capa como fonte de consulta. Além disso, acredita-se haver mais peças de nomes desconhecidos para nós e que, sendo descobertas, certamente serão anexadas à documentação para pesquisas futuras.

As obras de Frederico das quais tomamos conhecimento foram publicadas pelas editoras Irmãos Vitale e E. S. Mangione. A editora Irmãos Vitale foi fundada na cidade de São Paulo em 1923 e, segundo consta em seu endereço eletrônico, já publicou diversos nomes importantes da música brasileira:

No segmento da música erudita, a Editora Irmãos Vitale também possui prestigioso acervo e administra a criação de compositores como Villa-Lobos (48 obras, incluindo as Bachianas nos 4 e 5), Lorenzo Fernandez (32 obras, entre elas Ponteio e a Primeira Suíte Brasileira), Guerra-Peixe (46 composições, incluindo os nove Prelúdios Tropicais, Frevo e a Sonatina nº 2) e Marlos Nobre (19 peças, entre elas Cantiga de cego e Samba matuto), além de Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Radamés Gnattali e Souza Lima.<sup>1</sup>

Sobre a editora E. S. Mangione, trata-se da sigla que identifica o italiano Estevan Sciangula Mangione, seu fundador. Segundo consta em seu endereço eletrônico,

[A Mangione] Logo instalou uma **Seção de Músicas no Rio de Janeiro**, bem perto da conhecida Confeitaria Colombo e, em 1929 já abria as portas, em

<sup>1</sup> É possível acessar o site da editora Irmãos Vitale no endereço eletrônico a seguir: <https://edicoes.vitale.com.br/a-editora/> último acesso em 04/07/2025.

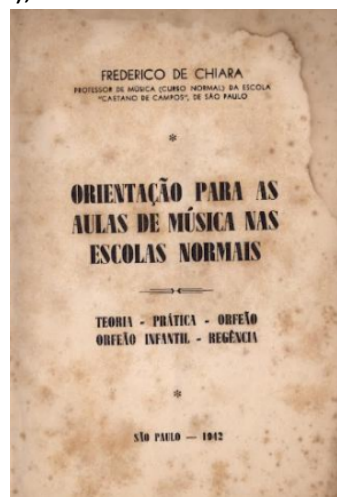
São Paulo, também a gráfica E.S. MANGIONE. Imprimindo músicas sob o selo “Edição A MELODIA”, a editora conquistou em pouco tempo o mercado brasileiro e sul-americano com músicas populares, eruditas e didáticas de grandes autores brasileiros.<sup>2</sup>

Ressaltamos que o selo “edição a melodia” está presente em várias peças de Frederico de Chiara, demonstrando que suas obras estavam inseridas nesse contexto de incentivo para publicações de autores brasileiros.

### Obras para canto orfeônico nas escolas

O material produzido por Frederico de Chiara para o canto orfeônico nas escolas trata-se de livros com orientações para os professores, exercícios de solfejo e peças com partituras para coro e piano ou órgão. Em 1942 foi publicado pela E. S. Magione com o selo *A melodia*, em São Paulo, o livro *Orientação para as aulas de música nas escolas normais*. Trata-se de um guia com instruções para ser usado nos cursos de formação de professoras da Escola Normal dividido em etapas: primeiro, segundo e terceiro anos. O material é bastante explicativo e detalhado sobre a organização dos coros, assemelhando-se a uma apostila de ensino.

**Figura 4:** Capa do livro *Orientações para as aulas de música nas escolas normais* (1942), de Frederico de Chiara



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Thereza de Chiara

<sup>2</sup> É possível acessar o site da editora E.S. Mangione no endereço eletrônico a seguir: <https://mangione.com.br/nossa-historia/> último acesso em 04/07/2025.

Também é apresentado, ao final, uma relação dos hinos mais cantados no período nas escolas, bem como uma lista de obras de Frederico de Chiara divididas em seções: a primeira seção chama-se *Didático*, mencionando as peças *Melodias descritivas para J. Infância*, *Notas ligeiras e apontamentos sobre o hino*, *Orientação para as aulas de música nas escolas normais* e *Meu solfejo*; a segunda seção é denominada *Dramatização para Escola Pre Primária e Primária*, contendo a peça *As flores*, com letras de Almeir. A última seção é chamada de *Canto e coro*, onde são apresentadas as seguintes peças: *Ave Maria*, *Aleluia*, *Trovas*, *Adeus*, *Quatro canções tupis*, *Canto da saudade* e *Banzo*. A seguir, as capas de algumas partituras mencionadas:

**Figuras 5 e 6:** Capa das peças *Canto da infância* e *Quatro canções tupis*, de Frederico de Chiara



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Thereza de Chiara

Outra coleção de Frederico de Chiara, sem data de publicação aparente, chama-se *O meu solfejo - melodias de aplicação (localização de figuras) e quadro geral das tonalidades para uso das escolas*. Foram publicados três livretos sequenciais (1ª, 2ª e 3ª partes), pelo Editorial Magione S. A. O material contém exercícios práticos de solfejo, escritos em partituras que vão do simples ao mais complexo.

## Peças para piano

As peças para piano de Frederico de Chiara possuem na capa indicações de nível para o qual a composição foi pensada, o que denota a sua preocupação pedagógica na organização do material. A coleção *4 peças para piano* possui as seguintes composições: *Juquiá - O Trenzinho*, para alunos de 5º ano no estudo de piano, *Estudo - Correndo e Pulando*, para o 4º ano, *Valsando*, para 2º ano e *O Gigante e o Palhacinho*, para 4º ano. Ao analisar as partituras, realmente tratam-se de peças de nível intermediário de dificuldade, contendo glissandos, saltos, exigindo independência das mãos e uso de pedal. As peças possuem dissonâncias e acordes que trazem à tona alguns traços “villa-lobísticos”, diversos contrastes de dinâmica e de caráter musical, bem como um ‘ar’ romântico que denota influências de compositores tais como Frédéric Chopin. Tais características condizem com informações compiladas nas entrevistas sobre as influências musicais sofridas por Frederico de Chiara. Nas entrevistas de Rosa de Chiara e de Manoel Pismel Filho, ambos comentaram sobre a proximidade entre Frederico de Chiara e Heitor Villa-Lobos. Rosa relatou: “[Villa-Lobos] Se acomodou lá em casa. [...] Só que ele era do Rio [de Janeiro], né? De vez em quando ele ia pra lá, pra São Paulo. [...] Lembro um pouco dele. Ele tocando piano”. Manoel comentou: “Ele [Frederico de Chiara] contava às vezes do Villa-Lobos, que era amigo dele”. Portanto, compreende-se que pela proximidade que tinham, realizaram trocas intelectuais e compartilharam influências musicais.

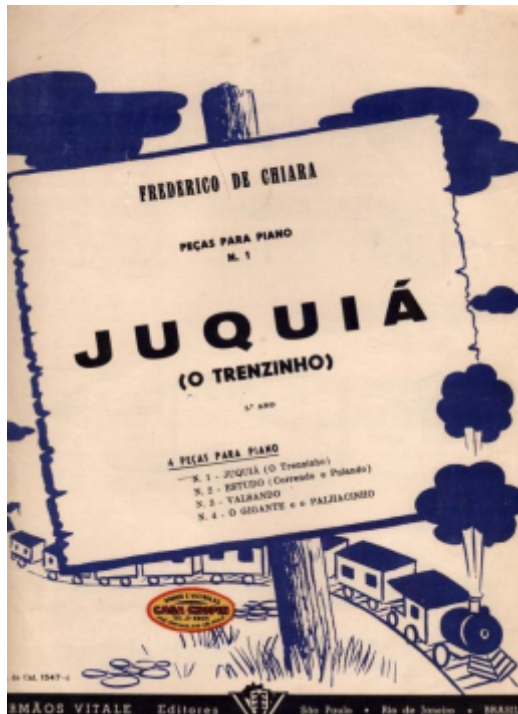
Sobre os gostos musicais de Frederico, Manoel relatou:

[...] ele gostava de Liszt. Gostava de todos [os compositores] de um modo geral. Mas a preferência dele era Chopin. Mas toda vez que a gente sentava pra escutar, ou escutava Chopin [...] ou escutava Liszt, algumas obras de Liszt, não eram todas não. [...] Quando ele sentava no piano pra tocar era Beethoven às vezes, um pedaço de uma sonata de Beethoven, Chopin ele tocava bastante.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> A fonte dessas informações são as entrevistas realizadas e transcritas para a realização do presente trabalho.

Figuras 7 e 8: Capa das peças para piano *Juquiá* e *Valsando*, de Frederico de Chiara



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Thereza de Chiara

A coleção *Amiguinhos* possui na dedicatória “Aos meus filhos, Rosinha e Nezito”, e trata-se de três peças curtas chamadas *Holandezinha*, *Chinezinho* e *Índio*. As três possuem versos da professora Zilnay Catão Borges. O nível de complexidade das peças é mais básico do que a coleção anterior, exigindo menos saltos de mãos. Ainda assim, exige independência das mãos e possui diversos acidentes.

## Considerações finais

A partir da compilação de alguns dados biográficos e da compilação e análise das obras de Frederico de Chiara, bem como do contexto histórico e musical no qual estava inserido, podemos compreender o seu envolvimento e compromisso com a educação musical brasileira enquanto educador, pianista, maestro e compositor. Pudemos comprovar também que Frederico de Chiara atuou em diversas áreas: composição e arranjos para coro, composição de peças para piano, preparação vocal de orfeões, formação de professores, elaboração de apostilas e confecção de materiais didáticos, além de ter uma participação ativa em instituições religiosas católicas como organista. Trabalhou em instituições de renome na cidade de São Paulo, como o Conservatório Dramático Musical e a Escola Caetano de Campos, centros importantes na divulgação do canto orfeônico e na formação de professores. Com isso, os resultados da pesquisa apontam para a relevância de Frederico de Chiara enquanto educador comprometido com o papel formador do professor e com a educação musical brasileira. Suas obras fornecem um material vasto para ser analisado e também executado em projetos futuros.

## Referências

CHIARA, Frederico de. *O meu solfejo: melodias de aplicação (localização de figuras) e quadro geral das tonalidades para uso nas escolas. 1ª parte.* São Paulo: Editorial Mangione S. A, s/d.

CHIARA, Frederico de. *O meu solfejo: melodias de aplicação (localização de figuras) e quadro geral das tonalidades para uso nas escolas. 2ª parte.* São Paulo: Editorial Mangione S. A, s/d.

CHIARA, Frederico de. *O meu solfejo: melodias de aplicação (localização de figuras) e quadro geral das tonalidades para uso nas escolas. 3ª parte.* São Paulo: Editorial Mangione S. A, s/d.

CHIARA, Frederico de. *Orientações para as aulas de música nas escolas normais.* São Paulo: E. S. Mangione edição "A melodia", 1942.

CONTIER, Arnaldo Daraya. *Passarinhada do Brasil: canto orfeônico, educação e getulismo.* Bauru: Edusc, 1998.

DUARTE, Jorge. *Entrevista em profundidade.* 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

FERRAZ, Gabriel. Heitor Villa-Lobos e o canto orfeônico: o nacionalismo na educação musical. In: ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa. *Pedagogias brasileiras em educação musical.* Curitiba: Intersaberes, 2016. p.27-60.

FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação.* São Paulo: Editora Unesp, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

MORILA, Ailton Pereira. Antes de começarem as aulas: polêmicas e discussões na criação do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.21, p. 90-96, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pm/a/bYhrrQpWkjcG76cRZ9hHjxB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2025.

PINHEIRO., Ana Regina. *Escola "Caetano de Campos": escola paulista, escola vanguardista.* 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SOUZA, Eduardo de. Objetos da modernidade: a Escola Caetano de Campos e seu jardim de infância - São Paulo (1890-1920). *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 54, p.431-462, 2023. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/20853/15295>. Acesso em: 02 out. 2025.